

A subida de Hitler ao poder (1933)

A Grande Depressão de 1929 mudou radicalmente a paisagem política e económica internacional. Ainda que com impacto diferente de país para país, a crise económica iniciada pelo *crash* da bolsa de Wall Street abriu as portas para a consolidação de respostas de cariz totalitário – sendo Itália e a Alemanha os casos mais significativos.

Apesar das diferentes experiências proto-fascistas que marcaram a Europa no início do século XX, é com a chegada de Benito Mussolini ao poder, em 1922, que este movimento dá a primeira demonstração de força. Tendo representado uma condição estruturante no desenvolvimento desigual e combinado destas forças no continente europeu, a crise económica será igualmente fundamental para compreender a emergência do partido nazi sob a liderança de Adolf Hitler.

Enquanto grande derrotada na I Guerra Mundial, a Alemanha viveu o seu pós-guerra sob um regime republicano, conhecido como a República de Weimar, atravessado por várias tensões. Estas tinham como pano de fundo as condições agressivas impostas pelo Tratado de Versalhes e agravaram-se, profundamente, com os efeitos da crise económica, levando ao aumento da contestação política e social.

Foi este o clima em que foi fundado o Partido Nacional Socialista, que, liderado por Adolf Hitler desde 1921, conheceu um crescimento constante. Num país marcado pela forte desvalorização da moeda, pela inflação e pelo desemprego, a propaganda nacionalista e antisemita do partido nazi conheceu uma popularização entre as camadas intermédias que pretendiam regressar à estabilidade que se considerava perdida. Em 1933, Hitler será nomeado chanceler pelo então presidente da República, Von Hindenburg. Já em 1934, após a morte de Hindenburg, Hitler realizou um plebiscito acerca da união de poderes, conquistando o voto favorável de 88% dos alemães, vendo, assim, ainda mais legitimado o seu papel enquanto Führer.

Em Portugal, estes acontecimentos foram recebidos num momento em que o próprio Estado Novo se encontrava ainda em processo de consolidação, com a entrada em vigor da Constituição de 1933. Será talvez essa a razão para se encontrar nas páginas d'*O Setubalense* alguma apreensão e receio perante a evolução dos acontecimentos na Alemanha. Como é referido: «Duma maneira ou de outra, Adolf Hitler está no poder. E ao vê-lo lá, todo o mundo pergunta como se comportará ele na posição em que se encontra, que uso irá fazer da autoridade de que dispõe agora...será a paz? Será a guerra? Fará a ordem na Alemanha ou, precipitando os acontecimentos, provocará o desencadear da desordem que está latente naquele país?» (*O SETUBALENSE*, 1933, 2 de fevereiro: 1). [JS]



A emergência dos regimes autoritários vista pelos jornais portugueses, *Expresso*, 4/2/2017



«Hitler, como sempre dissemos, é um produto puramente estrangeiro, que do estrangeiro veio e que dele se alimenta como outros que de certo modo lhe são afins. O nacional-socialismo progride ou declina conforme se queira fora da Alemanha. Pois é conveniente acabar com ele. Entendem-se para isso todos os países que podem fazê-lo, concorrendo assim para que o vulcão alemão se extinga. Conseguindo-o, teremos dado outro grande passo para restabelecer a paz na Europa, restituindo-a à prosperidade que perdeu com a guerra» (*O SETUBALENSE*, 1933, 3 de janeiro: 1)